



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 15.02.2013

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistado:** José Renato Leite

**Responsável pela transcrição:** Lucila Barbalho Nascimento (bolsista)

**Carlos Gomes:** Bom, boa tarde a todos. Doutor Ivis, venha mais pra perto aqui. Hein? O senhor é abcdista, mas pode vir mais pra cá. Eu aqui tenho a ata. É chegada à hora. Ô Kadma, você faz aqui a leitura da ata porque normalmente numa sessão, quando a gente abre, a primeira coisa é a leitura da ata da reunião anterior. Por favor.

**Kadma Maia:** Posso começar?

**Carlos Gomes:** Pode.

**Kadma Maia:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Reunião da Comissão da Verdade, de 5 de fevereiro de 2013. Ata de reunião da Comissão da Verdade. Aos cinco dias do mês de fevereiro de 2013, às quinze horas e quinze minutos, na Sala de Reuniões dos Colegiados Superiores, na Reitoria, Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi realizada a reunião da Comissão da Verdade por convocação do seu Presidente, Carlos Roberto de Miranda Gomes. Estavam presentes os membros Carlos Roberto de Miranda, Presidente da Comissão da Verdade; Ivis

Alberto Lourenço Bezerra de Andrade, Vice-presidente; Maria Ângela Fernandes Ferreira, da ADURN; Moisés Alves de Souza, SINTEST; os bolsistas Thales Gomes de Lima, Lauro Carvalho da Silveira, Juan de Assis Almeida, Lucila Barbalho Nascimento e Patrícia Vanessa de Moraes; e o Professor Juliano Siqueira. Os trabalhos foram abertos com informes a respeito de e-mails recebidos no período de recesso, dando conta da localização dos Arquivos do DOPS; pedido de desligamento do bolsista Jefferson; resposta aos ofícios enviados: do DIMAP/UFRN, PPGCEM/UFRN, Curso de Ecologia, Departamento de Telecomunicações e Departamento de Saúde Coletiva, informando, negativamente, a existência de documentos do interesse da Comissão da Verdade; recebimento de mensagem e posterior documento do senhor Alberto Lima Leite, relatando fatos de perseguição no âmbito da UFRN, do que foram extraídas cópias para análise dos componentes da Comissão e posterior convocação do interessado; foi determinada a reiteração dos ofícios dos setores da UFRN e outros órgãos externos, que ainda não se manifestaram; foi informado que no período de recesso compareceu à Reitoria o Coronel José Renato Leite, se prontificando a colaborar com a Comissão; tratou-se da questão de fixação de um calendário de atividades, tendo ficado acertado que as reuniões ficariam sendo realizadas às quartas-feiras, contudo, em virtude dos nossos empecilhos surgidos após a ausência de alguns componentes, ficou acertada uma consulta através de e-mail para transferir as reuniões ordinárias para as sextas-feiras úteis; ficou deliberado que na próxima reunião seriam convidados para prestarem informações os senhores Coronel Renato Leite e Roberto Monte. Na data seguinte, o Professor Juliano Siqueira e, em seguida, os senhores Alberto Lima Leite e José Arruda Fialho. Na sequência dos trabalhos foi facultada a palavra a cada um dos participantes, tendo sido feita algumas considerações por parte do Professor Ivis Bezerra sobre pessoas e fatos no período do Governo Militar e em relação à UFRN. Em seguida, o professor Juliano Siqueira, oferecendo dados de magna importância, razão pela qual fiou acertado, desde logo, a tomada do seu depoimento. Posteriormente, os bolsistas Thales Gomes de Lima, dando conta de sua visita ao Departamento de Imprensa do RN e consultado os arquivos do jornal *A República*, onde localizou a pessoa de um pesquisador que se dispõe a colaborar com a Comissão e também ao jornal *Tribuna do Norte*, em que existe vasto material de importância, embora o período mais pertinente ao que é procurado tenha sido retirado do acervo,

tendo ficado acertado que o referido bolsista procuraria alguma coisa a esse respeito no Instituto Histórico do RN. O bolsista Lauro Carvalho da Silveira informou que compareceu a alguns departamentos da UFRN, mas nada conseguiu, em virtude de estarem, os responsáveis, em período de férias, ficando de retornar agora, com o reinício das aulas. O bolsista Juan de Assis Almeida esteve no Curso de Medicina e não conseguiu maiores informações pelos mesmos motivos do período de férias e que continuará a sua pesquisa, inclusive junto ao Curso de Direito. O Presidente Carlos Gomes se lembrou de convidar para prestar informação, a antiga secretária da Faculdade de Direito da Ribeira, senhora Maria de Lourdes Pinheiro. A bolsista Lucila Barbalho Nascimento informou seu entendimento com os dirigentes do IFRN e ficou de retornar após o período de férias. A bolsista Patrícia Vanessa de Moraes deu conta de sua pesquisa junto ao Setor de Arquivamento de Dissertações e lá encontrou um material de grande interesse para a Comissão da Verdade, ficando de trazer maiores detalhes na próxima reunião. Nada mais haver a tratar, às dezessete horas o Presidente da Comissão encerrou a sessão e eu, Kadma Lanúbia da Silva Maia, secretária da Comissão da Verdade, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada, vai assinada pelos presentes.

**Carlos Gomes:** Tem discussão a ata? Está aprovada. Então você pode passar pro pessoal assinar, juntamente com a lista de presentes da reunião passada.

**Kadma Maia:** A lista de presença da reunião passada. Assina e rubrica a ata nas duas folhas.

**Carlos Gomes:** Bom, a nossa reunião de hoje tem uma agenda específica, sem prejuízo que, ao concluí-la, a gente possa abrir para os informes, alguma coisa que haja necessidade esclarecer e ponderar. E o nosso convite hoje foi, exatamente, a duas pessoas: o Coronel José Renato Leite e Roberto Monte, que é uma pessoa que, há muitos anos, trabalha no Centro de Memória Popular, que já foi da Arquidiocese. Não sei se eu estou enganado, mas hoje não é mais não, hoje é uma entidade privada. É, isso aí... Então, é exatamente, a nossa agenda tem essa finalidade. O nosso trabalho será gravado, que é para, exatamente, após isso, conseguir fazer a devida coleta de

informações e para colocar no nosso relatório. Então, eu criei aqui um roteiro, é claro que esse roteiro não tem o rigor, mas – normalmente – nós gostaríamos que as pessoas que fossem apresentar as informações fizessem a sua apresentação, a sua qualificação, para a gente poder registrar isso devidamente. E pela ordem que nós estipulamos a primeira pessoa a ser ouvida é o Coronel José Renato Leite, a quem eu passo a palavra, solicitando – inicialmente – que ele faça a sua apresentação para o registro.

**José Renato Leite:** Boa tarde a todos. Como o Doutor Carlos Roberto Miranda já falou, eu sou Coronel do Exército aposentado, já na reserva e exerci o cargo de Assessor de Segurança e Informações da Delegacia do MEC, que hoje não existe mais, durante 5 anos, de 1985 a 90. É não sei em que ponto eu posso... Já fazem 20, mais de 22 anos que deixei o cargo. Em 1990, com a posse do Presidente Collor, o primeiro ato que ele fez foi dispensar todos os Assessores de Segurança e Informação. Desse modo, eu fui dispensado logo no primeiro mês de governo dele. E deixei a documentação que existia na Assessoria no local onde trabalhava. Não me foram dadas condições de passar, de entregar os documentos a qualquer outra pessoa. Simplesmente o decreto dele foi dispensando a mim, somente a mim. É... Essa Assessoria funcionava com duas pessoas: eu e uma senhora secretária da Delegacia. E eu, simplesmente, com essa dispensa, fui falar com o doutor Zé Maria. Zé Maria é da FACEX? Não sei.

**Carlos Gomes:** FACEX? Zé Maria Figueiredo.

**José Renato Leite:** Zé Maria Figueiredo. Despedi-me dele e fui embora; e deixei toda documentação no local em que se encontrava. Que não era muita. Correspondência durante o meu período praticamente nenhuma. Nada, eu fui lá apenas para ocupar um cargo que já estava em extinção. Ele existia apenas porque constava do organograma. E eu fui nomeado em substituição a Adriel Lopes Cardoso. E nisso se resume a minha passagem pela Assessoria. Não sei em que ponto eu posso ajudá-los, em que eu posso contribuir para que essa Comissão cumpra a sua finalidade. Não sei. Se houver alguma pergunta estou pronto a responder.

**Carlos Gomes:** Pois não. Eu gostaria de indagar onde funcionava essa unidade.

**José Renato Leite:** Funcionava ali onde hoje é a Seridó... Seridó hoje é da UNP, aquele prédio em frente.

**Carlos Gomes:** Ah, sei, antigo Colégio Sete de Setembro, não?! Em frente ao antigo Colégio Sete de Setembro?

**José Renato Leite:** Não.

[Pessoas falando todas juntas].

**Carlos Gomes:** É na Rua Seridó? Rua Nascimento de Castro.

**José Renato Leite:** E hoje é um órgão, não sei, Polícia Militar, Polícia.

[Inaudível].

**José Renato Leite:** Rodoviária.

**Carlos Gomes:** Hum. Sei, eu sei, eu sei, eu sei onde é. Prédio muito bom. Muito bem.

**José Renato Leite:** Esse órgão não existe mais.

**Carlos Gomes:** Muito bem. O motivo do convite feito ao senhor é que chegou ao nosso conhecimento que, quando foi extinto, o senhor era o representante do MEC. Então, a finalidade de sua presença aqui é a gente tentar descobrir onde está esse acervo. Porque, como a Comissão da Verdade é da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ela tem o seu trabalho dentro do âmbito da Universidade, toda documentação referente à antiga ASI é – para nós – de fundamental importância. Então, exatamente, o que nós queríamos saber era da possibilidade de o senhor, se teve conhecimento – mesmo depois que deixou – se essa documentação teria sido enviada para algum local, algum lugar.

**José Renato Leite:** Olha, eu desconheço, porque eu – como fui dispensado – fui embora e deixei lá somente a moça que trabalhava comigo respondendo pelo prédio. Não levei nenhum documento, nem entreguei nenhum documento a ninguém. Simplesmente fui embora e acabou-se. Meus laços terminaram ali.

**Carlos Gomes:** Essa pessoa que trabalhava para o senhor, essa moça, o senhor se recorda quem era?

**José Renato Leite:** Araci, Araci Siqueira, parece. Araci.

**Carlos Gomes:** Quer dizer, ela que ficou, continuou.

**José Renato Leite:** O Zé Maria Figueiredo era o Delegado do MEC.

**Carlos Gomes:** Ah, muito bom. Bom saber. Já é um roteiro.

[Inaudível].

**José Renato Leite:** Da Universidade. Ela é aposentada pela Universidade.

**Carlos Gomes:** E o Zé Maria era?

**José Renato Leite:** Delegado do MEC.

**Carlos Gomes:** Delegado do MEC. Muito bem. Bom, eu antes queria exatamente facultar a palavra.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu estou inscrito, mas pode.

**Carlos Gomes:** Não, pois não, é exatamente, o momento é esse. Doutor Ivis com a palavra.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Coronel, primeiramente irei saudá-lo. Agradecer também, eu meu nome pessoal, a sua prestimosidade em vir aqui. Afinal, essa é a Comissão da Verdade e nós temos que ir fundo em busca dessa verdade. O senhor falou que tinha outra pessoa que trabalhava: Adriel Lopes Cardoso.

**José Renato Leite:** Não, foi meu antecessor.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ah, foi o antecessor. Certo.

**José Renato Leite:** Foi meu antecessor.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Quando o senhor foi, quando a Assessoria foi extinta, só ficou lá uma funcionária administrativa. Que era uma espécie de secretária.

**José Renato Leite:** Eu vou adiantar uma coisa. Adriel Lopes Cardoso, que era o Assessor de Segurança e Informações, ele não era bem visto aqui na Universidade. Essa Assessoria funcionava aqui na Universidade, eu não sei em que local. Ele não era bem visto. Então, o Reitor na época era Genivaldo Barros que me convidou pra ir pro lugar dele, desde que ele nunca mais pisasse aqui na Universidade. Tanto que, essa Assessoria mudou-se daqui para a Delegacia do MEC, para a Nascimento de Castro.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** A atividade desta Assessoria era, fundamentalmente, em todas as unidades do Ministério da Educação do Estado do Rio Grande do Norte?

**José Renato Leite:** Acredito que sim.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Que me parece que na época havia apenas a antiga Escola Industrial, não sei se já era ETFRN, acho que não.

**Carlos Gomes:** Não, era não.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** E a Universidade. Então, o forte das atividades dessa Assessoria era aqui na Universidade?

**José Renato Leite:** Era

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É. O senhor tem a possibilidade de nos dizer com relação à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quais foram as principais atividades que essa Assessoria desenvolveu? Tendo em vista que aqui é uma casa da cultura, não é?! Do saber e me parece que não havia muita correlação nas atividades de Segurança e Informação numa unidade como essa. Mas é possível. Se havia a instituição já até antecessor a sua função e durante o tempo que o senhor exerceu houve atividades aqui. Que atividades eram essas?

**José Renato Leite:** Vocês sabem que, naquele tempo, todos os órgãos, a Universidade, a COSERN, tudo que era órgão estatal tinha uma Assessoria de Segurança e Informações. O que elas faziam, segundo eu sei, era dar informações sobre as atividades dos membros daquela organização. Como ela fazia isso? Eu acho.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** As atividades didáticas, aqui?!

**José Renato Leite:** Didáticas ou políticas, eu não sei bem. Não sei bem, tanto que, quando eu recebi lá, praticamente nenhum documento me foi passado.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O senhor recebeu sem nenhum documento?



**José Renato Leite:** Praticamente sem nada.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mas o senhor disse que deixou todo o acervo lá.

**José Renato Leite:** Sim, o acervo, a documentação que recebia e ficou não sei. Não sei que fim levou. José Maria Figueiredo, que era o Delegado do MEC nessa época, que pode dizer que destino foi dado.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Esse acervo ficou sobre a égide do Delegado José Maria Figueiredo? Presidente, então, eu já aqui tomo a iniciativa de propor que sejam ouvidos o então Delegado da Seccional. O Delegado Seccional do Ministério e a servidora, que se encontra aposentada, que esse acervo o Coronel José Renato deixou lá.

**José Renato Leite:** Na Assessoria.

**Carlos Gomes:** Isso. Está anotado já. Era o meu pensamento.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Obrigado, Coronel.

**Carlos Gomes:** Professor Almir, o senhor pediu a palavra.

**José Renato Leite:** Vocês hão de convir que fazem 22 anos que eu saí de lá. Eu deixei essa função. De modo que estou com 82 anos. De modo que, o que se passou, o que eu deixei, eu praticamente eu ignoro. Não lembro.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Almir, você me permite eu fazer uma última pergunta aqui?

**Almir Bueno:** Pronto, pode ser.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Coronel, o senhor se lembra qual foi o período desses 6 anos?

**José Renato Leite:** 85 a 90.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Obrigado.

**Almir Bueno:** Professor Almir Bueno, sou do Departamento de História do Ceres de Caicó e membro da Comissão da Verdade. É, Coronel, é exatamente um pouco em relação a isso que o senhor acabou de afirmar e que Doutor Ivis também mencionou. O senhor ficou a cargo da ASI de 1985 a 90. Aqui na Universidade, a sua base era aqui?

**José Renato Leite:** Não.

**Carlos Gomes:** Não.

**Almir Bueno:** Não era lá na...

**José Renato Leite:** Era na DMEC.

**Almir Bueno:** Aqui o senhor, aqui não.

**José Renato Leite:** A Delegacia do MEC eu não sei que fim levou e o que foi feita dela, se ainda existe. Não existe mais. Era um órgão que eu não sei por que existiu.

**Carlos Gomes:** Saiu daqui.

**Almir Bueno:** Eu sei que tem toda essa distância de tempo, a gente entende isso, mas eu, assim, eu gostaria ainda de tentar que o senhor, no seu depoimento, o senhor se

tivesse condições de detalhar um pouco mais as tarefas a que o senhor foi destinado. O que exatamente o senhor fazia nessa função?

**José Renato Leite:** Eu praticamente não sei. Eu me recordo apenas que havia um pessoal de segurança lá na DMEC e que eu fui encarregado de dar aulas de tiro a eles. Pedi, eu não sei como me conseguiram um armamento, um revólver e munição e eu fui dar no Estande da Polícia. Ensinar esse pessoal como atirar pra vigilância interna de lá, pra vigilância das instalações patrimoniais da DMEC, somente isso.

**Almir Bueno:** Pois não.

**José Renato Leite:** Pois não.

**Almir Bueno:** Em relação ao corpo docente, corpo discente da Universidade, o senhor não tinha contato nenhum?

**José Renato Leite:** Não tinha contato nenhum. Nenhum. Não trabalhava aqui na Universidade. Nunca vim aqui à Universidade.

**Almir Bueno:** O senhor nunca...

**José Renato Leite:** Nunca vim aqui.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu queria só lembrar, porque quando eu perguntei o período. Ele me esclareceu, nesta função, pelo menos, nesta função, o Coronel José Renato exerceu já da abertura.

**Almir Bueno:** É exatamente!

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Então, nessa época, não havia mais. Quem era o Ministro, o senhor se lembra?

**José Renato Leite:** Ministro?

**Almir Bueno:** Da educação.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Da educação.

**José Renato Leite:** Sei não.

**Almir Bueno:** É.

[Inaudível].

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eduardo Portela.

**Carlos Gomes:** É, pode ser.

[Inaudível].

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Desculpe, Almir, é a segunda interrupção, mas era só pra lembrar.

**José Renato Leite:** 1990, não é?!

**Carlos Gomes:** Anos 90. É você.

**Almir Bueno:** Não, a princípio era isso que eu tinha que perguntar.

**Carlos Gomes:** Pois não. Pois não, Professora Conceição.

**Conceição Fraga:** Boa tarde. Gostaria de parabenizar a Comissão da Verdade. Acho que a constituição dessa Comissão é uma dívida da Universidade com o Estado do Rio Grande do Norte. Acho que o professor Ivis Bezerra é muito correto quando diz que o papel dessa Comissão, que é dar a verdade, ou seja, buscá-la, e que a instituição é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão. Então, por ser uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, ela se dá conta, pós-ditadura, e o que é que na verdade aconteceu com ela durante e ao longo dos 20 anos com seus alunos, com seus professores, com seus técnicos. Eu parabenizo e brando a ela que há uma expectativa de todos nós. Uma expectativa muito boa, positiva, pela indicação dos nomes que compõem essa Comissão, história, tradição, seriedade e competência, e que se revela nessa sessão, quando traz aqui e eu parabenizo o depoente, que se dispôs a vir aqui, que se dispôs, portanto, e veio colaborar. Sua presença em si já é um fato histórico. Estar reunido com esta Comissão querendo colaborar com a elucidação de um passado recente desse país. É um assunto que pode parecer muito distante, muito simples, mas ao mesmo tempo traumático e eu sei que tem filhos de preso político, de vítimas que morreram durante a ditadura aqui nessa sala devido à outra função, provavelmente fotografando, trabalhando, a serviço de uma entidade onde hoje trabalha. Como sei que está presente aqui Roberto Monte, que hoje é quem, a meu ver, mais reúne documentação sobre o período da repressão no Rio Grande do Norte. A gente cutuca muito Roberto, na intimidade que tenho, pra dizer “bote esse material pra fora, bote esse material pra estes meninos e todos nós aqui estudarmos pra contar essa história” não é pretensão da Comissão da Verdade. Não foi da Reitora. Não é da Presidente da República tentar fazer desta Comissão um juiz. Isso a consciência de cada um com Deus ou com aquele em quem acredita ou não, e com a justiça que não é aqui. Agora, é muito bom saber que nós estamos aqui tentando trazer fontes de informação pra verificarmos se isso que nós dizemos, todo dia, isso é fato, isso é verdade, isso pode ser contado, que a historiografia não dá conta dos 20 anos de ditadura. Até recentemente era coisa de militante de esquerda e, a partir do Governo Lula, a quem tenho severas críticas na Presidência da República, e, sobretudo, no Governo da Presidente Dilma, a quem tenho muito mais elogios do que o Presidente anterior que instituiu a Comissão da Verdade e, portanto, cumpriu uma missão enorme pros historiadores, pros pesquisadores, pra reconstrução daqui aos próximos 50 anos do que foi que aconteceu. Eu digo, portanto, pra perguntar

onde estava o nosso depoente no momento da repressão. Porque uma tarefa que o senhor assumiu na transição só recebeu essas tarefas aqueles que, realmente, tinham como o senhor uma grande competência profissional. As competências profissionais elas se revelam nos momentos mais delicados e a transição é um momento delicado, era o momento em que vinha à tona toda documentação. Ninguém que pegou nessa documentação não tinha uma competência de segurar a informação, garantir que, durante a democracia, essa documentação não fosse revelada, mesmo na democracia. Não por acaso nós vimos a documentação no estado da Bahia sendo queimado e a imprensa mostrando até as fotografias de sendo queimada a documentação. A daqui a gente não sabe, foi queimada? Está guardada? Onde está? Essa Comissão tenta e tem seus limites dentro da Universidade, por isso que as minhas perguntas vão ser bem objetivas porque, como lembrou o senhor, exercia uma função externa, certamente não tinha contatos internos. Agora, eu pergunto onde estava, por que vai ser o sucessor na Delegacia, vai estar na Delegacia do MEC no período da transição, Adriel – provavelmente – a quem suponho a Comissão vai ouvir, tenha bastante informação pra dar, mas eu pergunto que documento o senhor recebeu? Documentos esses, sejam eles mínimos, mas assim tão delicados que a gente, não é curiosidade, mas por dever de ofício eu estou... Eu tenho que memorizar o que eu recebi, o que o senhor lembra que recebeu? O senhor recebeu uma tarefa enorme. Que documentos foram esses que o senhor recebeu? Mesmo que seja um. Qual foi? Que dizia ele? De quem tratava? Antes do período da ditadura, que documentos, que função o senhor exercia, pra ser convidado a depois exercer essa tarefa tão grande que é estar no Ministério? Olha, a Universidade é ligada ao Ministério, como o senhor disse, e é verdade, todos os órgãos federais eles tinham seus aparelhos de repressão, suas Assessorias de Informação. Que faziam então o Ministério com todas as instituições? E que informações o senhor tinha com relação à Universidade? Porque me parece difícil crer que, rapidamente, foi exercida a função e que esse documento passou. Eu concordo: a memória já está bem distante, mas quando a gente vai ler um pouquinho não a memória, mas a memória como a categoria de análise, nós observamos que os psicólogos existem porque marcas e traumas existem. Seja pra lembrar, seja pra esquecer. E, nesse sentido, cada um de nós lembra onde estava de 1964 até 1985. Inclusive eu, mesmo criança, em frente a um Sindicato dos mais guerreiros aqui desse Estado, que era dos salineiros do Rio Grande do Norte, que

era lá em Macau, eu morava – literalmente – em frente e via todo o movimento, via tudo acontecendo e não entendia absolutamente nada porque era nova, mas tão logo fui entendendo, fui acompanhando, como cada um aqui estava em algum lugar. Então, e aí a gente lembra com detalhes e eu tinha oito anos de idade, eu nasci em 61 e eu me lembro bem a partir dos 7, 8 anos de idade. Eu me lembro com detalhe coisas que eu nem entedia. O povo passava com saco de dinheiro escondendo pra “leva”, vai num sei quem correndo, “fulano está aqui? Não, saiu”. Movimentos. Bala num sei aonde, eu ouvi falar. Aí fico pensando, eu tinha 8 anos de idade, eu tenho 51 de idade, onde estava cada um de nós? É só essa pergunta. E eu quero parabenizar o senhor por ter vindo, o senhor demonstra uma grande colaboração, o senhor demonstra uma confiança nessa Comissão e o senhor demonstra ser um grande brasileiro por querer colaborar em restituir essa verdade, porque – como eu disse – pra finalizar realmente, nós não vamos, nem nós somos juízes, nem estamos julgando a si, nem os demais, mas queremos apenas deixar pras futuras gerações, para que isso não se repita, para que isso não aconteça, mesmo achando que é muito difícil que isso não se repita, mas o dever é sempre acreditar.

**José Renato Leite:** Eu quero dizer a você. A senhora citou o período de 64 e em 1964 eu estava servindo em Fortaleza, depois servi em Manaus, servi em Salvador, servi em Recife e voltei a Salvador e depois vim pra aqui já. Vim pra cá em 1977, vim comandar o 17º GAC lá em Santos Reis, de 1977 a 79 quando eu fui para a reserva. Eu não me recordo da documentação, por incrível que pareça, não me recordo porque nunca me preocupei com isso. E quero lhe dizer que eu fui convidado para esse lugar apenas porque era amigo do Reitor daqui. O Reitor confiava em mim, era meu amigo, Genivaldo Barros, convidou-me e o Delegado, não, o outro é Luís Eduardo, ele é o quê? É Secretário ou é Delegado.

**Carlos Gomes:** Era Pró-reitor não?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Acho que foi Pró-reitor. É, Luís Eduardo eu acho que foi Pró-reitor.

**José Renato Leite:** Pró-reitor aqui. Pois foram os dois que foram conversar comigo. Convidaram-me pra vir. Eu não tinha nenhuma ligação com essas coisas e, na verdade, eu não me recordo. Por incrível que pareça, essa documentação eu nunca vi se tinha nomes nela. Lamento não poder esclarecer mais alguma coisa.

**Carlos Gomes:** Alguma outra pergunta?

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Pode, sugestão.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Hum. Pois não, pode ser. Pelo menos Diógenes eu já tinha em mente.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Seria, bom, vivo de lá pra cá Genivaldo foi, Genivaldo e o...

**Pessoa não identificada:** E o fazendeiro que está lá no...

**Carlos Gomes:** Como é o nome dele? Domingos Gomes, não é? Domingos. Eu não me lembro. Foi anterior. Eu não me lembro. É anterior. Então, Diógenes, Diógenes, Diógenes, Genivaldo, Daladier. Bom, eu coloco aqui, a gente vê pelo período e a gente sabe quem foi o representante. Bom, Professora Justina, pois não.

**José Renato Leite:** É, o Genivaldo foi falar comigo e o Luís Eduardo. Eu acho que é Vice-reitor, Pró-reitor, dizendo que – eu não quero difamar ninguém – mas dizendo que não queriam, não estavam, não aguentavam mais o Adriel aqui. O Adriel não era bem visto pelos universitários aqui. Porque, eu não sei o que é que ele fazia, mas ele não era bem visto aqui. Tanto que Genivaldo mandou dizer pra ele que ele não queria mais ele



aqui na Universidade, que ele não mais pisasse aqui. Ele passasse o cargo, mas nem isso ele passou. Eu nunca vi o Adriel na minha frente. Simplesmente, eu fui assumir o cargo, não sei mais nem como foi essa minha posse. Não foi aqui na Reitoria não. Deve ter sido... Eu acho que deve ter algum registro disso, não sei se tem.

**Carlos Gomes:** É isso que a gente está procurando.

**José Renato Leite:** Esse arquivo da DMEC, não sei com quem ficou.

**Carlos Gomes:** Pois é, isso é que a gente está atrás.

**José Renato Leite:** Isso é que devia ser, porque não me recordo.

**Carlos Gomes:** José Maria pode saber, não é?!

**Pessoa não identificada:** Na verdade, é ASI/DMEC, não DMEC.

**José Renato Leite:** ASI/DMEC.

**Carlos Gomes:** Muito bem. Pois não, professor Ivis.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu queria pedir desculpa ao plenário porque eu estou me repetindo muito.

**Carlos Gomes:** Pois não. Não há.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Coronel José Renato, não me tome, não tome a pergunta que eu vou fazer como uma provocação. De maneira nenhuma.

**José Renato Leite:** Pois não.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Porque eu também... Eu não... Eu sou um sujeito muito objetivo, que não gosta nem de fofoca, nem de ilações, mas eu estou convencido que o senhor realmente entregou o cargo e não sabe o destino da documentação. Até porque se afastou, já era da reserva e afastou-se do cargo, que era um cargo comissionado. Mas, há um boato, há uma... Há comentários de que todas essas documentações teriam sido em cada região levadas para órgãos militares. A minha pergunta é: o senhor ouviu falar nessa... Neste... Vou dizer, vou usar a expressão mesmo, neste boato?

**José Renato Leite:** Ouvi falar sim. Pelo que eu ouvi.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O senhor acha que esse boato tenha alguma...

**José Renato Leite:** Tem sim. Acho que foi entregue ao Exército alguma coisa, acho que nem tudo que tinha lá, não sei quem se interessou, quem selecionou esses documentos, quem fez essa entrega.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** E aqui eu quero registrar, mais uma vez, que o senhor estava na reserva. Eu sei que o senhor estava. Isso aí eu sei.

**José Renato Leite:** Era, há mais de 20 anos que eu já estava na Reserva.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Obrigado.

[Inaudível].

**Pessoa não identificada:** Pois não.

[Inaudível].

**José Renato Leite:** É, não posso. Não posso dizer. Foi pra Natal ou pra Recife.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Mas pelo entendimento que o senhor tem da vida militar, normalmente, documentação dessa natureza ia para onde? Qual setor do Exército tinha maior ligação conosco aqui?

**José Renato Leite:** Não, não, o Exército tem sua Segunda Secção. Encarregada dessas coisas sigilosas. Então, provavelmente, foi entregue para a Segunda Secção do Exército. Que os outros lugares ninguém...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Do Comando Regional?

**José Renato Leite:** Da Brigada aqui.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Daqui da Brigada.

**José Renato Leite:** Da Brigada aqui.

**Carlos Gomes:** Pois não, Moisés.

**Moisés Souza:** Boa tarde. Eu faço parte da Comissão da Verdade também. Eu gostaria de saber do Coronel: ele disse que chegou a Natal em 1977.

**José Renato Leite:** É.

**Moisés Souza:** Ou seja, então o senhor estava sabendo do que estava acontecendo naquela época, não é?! Uma ditadura militar, onde algumas pessoas que não eram bem vistas pelo Governo estavam sendo presas, outras investigadas.

**José Renato Leite:** Claro.

**Moisés Souza:** É, tomava conta de um Quartel.

**José Renato Leite:** Eu era Comandante do Exército sim.

**Moisés Souza:** Pronto. Alguma vez teve algum preso lá, algum preso político nessa época que o senhor tomou conta lá?

**José Renato Leite:** Não. Nenhum.

**Moisés Souza:** Nenhum.

**José Renato Leite:** Nunca ouve isso.

**Moisés Souza:** Mas teve algum conhecimento de algum outro Quartel ter algum preso?

**José Renato Leite:** Bom, a gente ouvia no noticiário que em 64 alguns presos foram pro 16, foram pra Base Aérea, num sei, nessa época eu não estava aqui.

**Moisés Souza:** Está bom. Está Ok.

**Carlos Gomes:** Bom, eu, pois não. Pois não, Justina.

**Justina Iva de Araújo Silva:** [Inaudível].

**José Renato Leite:** Não. Durante o meu período nunca escutei ou convidei alguém para depor na Assessoria. Nem professor, nem aluno.

**Conceição Fraga:** Eu às vezes fico um pouquinho querendo algumas informações, Professor. E também...

**Carlos Gomes:** Renato.

**Conceição Fraga:** Coronel Renato. Eu sou aluna dessa Universidade, eu entrei em 1982, e eu fui presa aqui na Universidade, junto com outro colega, já na liberdade, porque os órgãos de informação continuavam funcionando.

**José Renato Leite:** Como é seu nome, por favor.

**Conceição Fraga:** Conceição Fraga. A gente passava um filme, filme bobo, de Godard. E fui presa aqui no Auditório junto, eu e Antenor e naquela época já estávamos, porque eu estou dizendo isso? Eu sei que a Comissão da Verdade vai até 1985, mas nós sabemos que as informações continuam até hoje, na verdade. Hoje, inclusive, paradoxalmente, eu tenho amigos da ABIN, que era a antiga ASI. E são pessoas concursadas, militantes de esquerda e que exerceram, ou seja, é ressignificado o papel, mas continuava. Em 84 houve a Ocupação da Reitoria e era o finzinho da ditadura. E todo mundo aqui também convivia, inclusive sabendo os nomes aqui dentro da Universidade. Então, se existia alguém que fora da Universidade tinha, era quem recebia as informações, também não foi tão neutro assim. Tinha o Sistema de Informação. Ele continuou. O fim do Regime Militar é caracterizado em 85, quando se faz pela primeira vez eleição pra prefeito das capitais, mas a Constituição só vai ocorrer três anos depois. E esse intervalo, e nesse intervalo, valia a lei. E mesmo já sendo um Estado democrático, porque legalizou Partido Político clandestino, porque fez eleições pra Prefeito, mas a Constituição era a mesma. E mesmo depois da Constituição, a regulamentação não sei como é que os juristas chamam, ou seja, as coisas são lentas, inclusive – não por acaso – quando Collor vai assumir é Primeira Medida, mas também não foi bem assim, as coisas continuavam. Por isso que às vezes eu fico curiosa como era, na verdade, nesse período que o senhor estava, porque embora tenha convencimento de que o papel da Comissão, por lei, vocês tão levantando dados até 85, pressupondo que lá, até 88. Então, esses acontecimentos ainda ocorriam aqui dentro. A

gente dava, a gente sabia, a gente entrava no Auditório, eu me lembro de um cara da Polícia Federal olhando pra gente. A gente até comentava: “menina, ele assistiu a sessão da manhã, a sessão da tarde, a sessão da noite”.

**Pessoa não identificada:** E era um barato.

**Conceição Fraga:** E quando deu 10 da noite, eles levam a gente, porque aí naquela época não tinha os ônibus que têm hoje que os meninos pegam e vão embora. Aí ninguém tinha pra onde ir. A gente ia a pé até lá fora pra pegar um. E aí o camburão já estava. Ficaram esperando, e quando eu digo surgiram Reitores, porque foi o Reitor. É o Reitor que autorizou. O advogado da gente inclusive orientava. Eu fiz isso nesse Colegiado aqui, até fui chamada de “negrinha atrevida”, mas teve uma professora muito boa aqui, a Maria Isaura... Queiroz, que como historiadora, me parece que é, agiu como historiadora, “Professor, o senhor se retrate publicamente”. Eu digo “está aí”, depois ainda olha “te satisfaz?”, eu disse “desde que conste em ata”, essa ata eu procuro até hoje. E olha que isso já foi bem depois. Eu estou querendo mostrar apenas que as coisas aconteciam aqui, quem estava aqui sabia, quem estava lá fora recebia esse material. E às vezes a gente tem uma sensação de que parece que não. É o gato correndo atrás do rato e ninguém encontra nada e a gente sabe, a gente via. A gente sabia que no Auditório, aqui em cima desse Auditório tinha documentação... Tem funcionários. Tem que tentar, eu sugiro à Comissão e sei que estou fazendo isso quebrando todo um protocolo de expectativas, mas assim, sugiro que comece realmente pelas autoridades máximas porque elas sabem, elas sabem. E ninguém está querendo isso pra pedir indenização, ninguém está querendo título. A gente está querendo construir uma história que assim não aconteça de fato. A gente diz isso, mas sabe que não é bem assim. Professora Justina era candidata a Reitora, fui com a Professora para o Seridó, fui aqui pra Escola de Jundiaí e a gente sabe como é que a gente voltou. Escoltada. Numa eleição pra Reitor. Essas coisas têm que ser contadas, elas são bobas e até ridículas. Elas se tornam mais ridículas porque o Golpe foi em 64 e aí a geração, dentro de geração, de vários que vivenciaram outro tipo de situação... Eu podia até dizer “não, mas era o confronto, eles disseram que ia ter Revolução Cubana, teve a Revolução da Argélia, teve a Revolução, ia ter no Brasil”, era esse o argumento, aí em 80?!

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Isso foi em 1980 e?

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** É porque o entulho autoritário permaneceu durante muito tempo ainda. Ainda hoje tem entulho. Ainda tem entulho do tempo de Getúlio. Quer dizer, é muito difícil. É. É difícil. Você vê que o Código Tributário, que é de 1966, é o mesmo até hoje. Então, nós temos aí muito caminho a percorrer. Bom, se não houver mais nenhuma pergunta, eu gostaria de, para encerrar esta primeira parte, dar a palavra ao Coronel José Renato pra fazer as considerações...

**José Renato Leite:** Bom, eu só poderia acrescentar o seguinte: que esse período que eu passei na ASI, o Genivaldo Barros, o Reitor, é uma pessoa ultraconciliadora, ultra, muito calma, muito, não quer briga com ninguém. Então, talvez por isso, não tenha repercutido na Assessoria nenhuma outra atividade. Então, eu não sei mais o que é que posso dizer pra ajudar a vocês. Porque eu, também como brasileiro, gostaria de saber a verdade verdadeira. Qual é a verdade que vocês estão procurando? Porque uma verdade já existe por aí. Outra verdade pode ser que se ache. E essa pode ser a verdadeira ou não. Eu não sei. Então, o que eu pudesse fazer e o que eu puder fazer, eu estou pronto pra fazer. É só isso.

**Carlos Gomes:** Pois não. Coronel, eu quero agradecer a gentileza de sua participação. Nós vamos dar continuidade ao nosso trabalho, se o senhor quiser permanecer, participar, será uma satisfação.

**José Renato Leite:** Eu gostaria de permanecer.